

Transferência e desenvolvimento do ego: uma abordagem ferencziana

Liana Albernaz de Melo Bastos

A ontogênese do ego tal como proposta por Ferenczi tem conseqüências teóricas e clínicas fundamentais na prática psicanalítica. Revê-las permite-nos pensar as dificuldades e os impasses da Psicanálise.

"O conhecimento de uma parte da realidade, talvez a mais importante, não pode se tornar uma convicção pela via intelectual, mas apenas quando se faz conforme a experiência afetiva."

Ferenczi (1926)

O que é, para Ferenczi, a transferência? Em 1912, ele escreve: "*O mecanismo dinâmico de todo amor objetal e de toda transferência sobre um objeto é uma extensão do ego, uma introjeção.*"¹ A transferência é, portanto, uma introjeção.

O conceito de introjeção - criado por Ferenczi - foi objeto de um de seus primeiros escritos psicanalíticos, em 1909. A introjeção resulta de uma extensão da pulsão sexual, originalmente auto-erótica, do ego para os objetos do mundo exterior. Este enlaçamento que a pulsão faz busca trazer para a esfera egóica não o objeto em si mas o seu sentido, isto é, a sensação de prazer ou de desprazer que o objeto carrega.

Para Ferenczi, há uma história de desenvolvimento do ego, uma ontogênese, que possibilita a introjeção.

Ao nascer, o bebê experimenta todas as sensações, quer as advindas do mundo externo quer as do mundo interno, como idênticas.

O ego do recém-nascido é monista. Mais tarde, ele aprende a reconhecer a "malícia das coisas", como Ferenczi chama aquilo que do mundo externo não se submete ao desejo. Estas coisas sentidas como desagradáveis são expulsas da massa de percepções do bebê. O expulso do psiquismo marca uma fronteira entre o vivido subjetivo e

Liana Albernaz de Melo Bastos - Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

o percebido objetivo. Instaure-se, aí, um modo dualista de funcionamento egoico. Tem-se, assim, por meio desta “projeção primitiva”, uma primeira separação entre o eu e o não-eu.

Este mecanismo, no entanto, não consegue impedir que uma parte do mundo externo continue se impondo ao ego a despeito de sua tentativa de expulsá-lo. O ego acaba cedendo a este desafio que o mundo externo lhe impõe, e reabsorve na sua esfera esta parte seja para amá-la, seja para odiá-la. Estende seu interesse para ela, constituindo a “introjeção primitiva”. Este é o mecanismo dinâmico da transferência. Diz Ferenczi:

“ O primeiro amor, o primeiro ódio se realizam graças à transferência: uma parte das sensações de prazer ou de desprazer, auto-eróticas na origem, se desloca para os objetos que as suscitaram. No início, a criança ama apenas a saciedade, pois ela acalma a fome que a tortura - depois começa a amar também a mãe, este objeto que lhe traz a saciedade. O primeiro amor objetual, o primeiro ódio objetual, é pois a raiz, o modelo para toda a transferência ulterior, que não é então uma característica da neurose mas a exageração de um processo mental normal.”²

A transferência se dá pela introjeção. É um deslocamento que a pulsão faz. Constitui um processo normal do desenvolvimento do psiquismo e se reatualiza, na relação analítica, conforme um modelo primitivo de relação de objeto.

Esta ontogênese proposta por Ferenczi supõe que, após um momento de indiferenciação, surge, pela expulsão, um “dentro de mim” e um “fora de mim”. Posteriormente, a partir de uma realidade externa que se impõe, o ego reconhece um mundo externo e um mundo interno.

Em “A Negação” (1925), Freud utiliza-se de uma construção ficcional que em muito se assemelha a esta proposta por Ferenczi. Vale a pena lembrá-la.

A partir da denegação que os

pacientes fazem de certos conteúdos psíquicos, Freud aponta para a gênese da função intelectual. Função egóica por excelência, a função intelectual inicia-se com o juízo, conseqüência de um jogo pulsional. Há um ego monista primeiro, incapaz de estabelecer diferenças, denominado de “ego realidade inicial”. A este segue-se, num posterior desenvolvimento, o “ego-prazer”, regido pelo prazer, capaz de expulsar de si o desprazer para manter-se sob o registro do prazer. É pela expulsão que este ego estabelece um juízo atributivo, isto é, atribui ou recusa uma propriedade a uma coisa. Num terceiro momento

A transferência se dá pela introjeção: é um deslocamento operado pela pulsão.

desenvolve-se o “ego-realidade definitivo”, cuja função é admitir ou impugnar a existência de uma coisa na realidade, realizando um juízo de existência. O ego-prazer faz o registro do fora e do dentro pela polaridade agradável-desagradável. O ego-realidade discerne o mundo exterior - o percebido-objetivo - do mundo interno - o vivido subjetivo.

Neste artigo de 1925, Freud apresenta as relações que o pensamento pré-consciente do ego mantém com a dualidade pulsional vida e morte. Tais relações só podem ser pensadas na medida em que se cria uma oposição sujeito-objeto, correlativa de

outra que opõe o ego ao mundo externo, fruto do sentido de realidade do ego.

O desenvolvimento do sentido de realidade do ego é tema de um trabalho de Ferenczi escrito em 1913. Seu objetivo é assim colocado:

“Esperava, ao mesmo tempo, aprender algo novo sobre a evolução do ego do *princípio do prazer* ao princípio de realidade, pois parecia-me provável que a substituição, imposta pela experiência, da megalomania infantil pelo reconhecimento das forças da natureza *constitui o essencial do desenvolvimento do ego.*”⁴

A megalomania infantil seria o *reliquat* de uma fase na qual haveria puro princípio do prazer, a vida intra-uterina. Num momento em que o narcisismo ainda não fora mais extensamente trabalhado por Freud, Ferenczi aponta a vida fetal como um momento em que se tem todo o necessário à satisfação pulsional, em que não há desejo. Embora Ferenczi não utilize tal conceito, é do narcisismo primário que se trata, como Freud o trabalha na segunda tópica, cujo protótipo é exatamente o da vida intra-uterina. A este período inicial do ego, denominado por Ferenczi de “onipotência incondicional”, segue-se o da “onipotência alucinatória”, onde o bebê busca, através de um reinvestimento alucinatório, a situação perdida com o nascimento: a calma existência e tranqüilidade dentro do corpo materno. Os gritos do bebê revelam a aflição e o desconforto que o acometem.

Pelo sentido que o adulto empresta a estas manifestações, o bebê tem as suas descargas motoras atendidas. Seus gestos funcionam como mágicas e, assim, este período é denominado de “onipotência com a ajuda de gestos mágicos”. Mas nem todo o seu desprazer pode ser apaziguado. As “forças da natureza” - e aqui podemos ler o dualismo pulsional das pulsões de vida e de morte - se impõem. O bebê é obrigado a

discernir entre o que é conteúdo egoico e o mundo externo. A onipotência marca a fase da introjeção. A expulsão é característica da fase de projeção, que corresponde ao estágio de realidade.

Neste estágio, apesar desta objetivação do mundo externo, a diferença entre eu e não-eu ainda não se completou. A criança passa a viver um período animista em que atribui qualidades de seu ego ao mundo exterior. Estas relações simbólicas originam-se da sua experiência corporal, isto é, da satisfação pulsional que ela obtém através de seu corpo. (E aqui podemos identificar uma antecipação do conceito de ego-corporal, como Freud propõe em 1923.) *“Neste estágio a criança vê no mundo apenas reproduções da sua corporeidade e, por outro lado, aprende a figurar com o próprio corpo toda a diversidade do mundo exterior.”*⁽⁵⁾ Este período animista marca o surgimento da linguagem como uma passagem do simbolismo gestual para o verbal.

O pensamento consciente (que posteriormente Ferenczi coloca como pré-consciente) por meio de sinais verbais é, para este autor, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade. O ego sofre um arrancamento do princípio do prazer. É o sentido de realidade que possibilita o pensamento.

A onipotência, no entanto, persiste no psiquismo manifestando-se em estados intermediários comuns à vida, tais como as fantasias, as artes e a vida sexual e podendo ressurgir poderosa nos sintomas, seja na onipotência do pensamento obsessivo ou na megalomania delirante.

Em resumo, em 1913, a proposta de Ferenczi para a constituição do ego baseia-se num processo cujos mecanismos básicos são a introjeção e a expulsão. A introjeção predomina numa primeira fase, aquela em que para o ego só existe o que ele traz para si. Na segunda fase, a onipotência do ego é delegada para os objetos exter-

nos e, aí, a projeção é dominante. O completo desenvolvimento do ego é atingido quando os mecanismos são igualmente utilizados numa espécie de compensação.

A ontogênese do ego é retomada por Ferenczi em 1926, já, então, considerando a intrincação e a desintrincação pulsional das pulsões de vida e de morte no ego. Traz, para exemplificar, a situação do bebê que, após muito chorar, recebe o seio. Este seio torna-se objeto de ambivalência na medida em que é odiado porque se fez esperar e amado porque promove satisfação. Não é apenas um objeto indiferente; a desin-

O reconhecimento da realidade supõe a capacidade egóica de incluir em si partes hostis, e de renunciar a partes amadas.

trincação pulsional possibilita a representação deste objeto.

“Das coisas que nos amam sempre, ou seja, que satisfazem constantemente todas as nossas necessidades, não tomamos conhecimento como tais, incluímo-las simplesmente em nosso ego subjetivo; as coisas que são e sempre foram hostis nós simplesmente recalamos; quanto às coisas que não estão incondicionalmente à nossa disposição, que amamos porque nos dão satisfação e que detestamos porque nem sempre nos obedecem, criamos para elas marcas particulares em nossa vida psíquica, traços mnésicos a

*que um caráter de objetividade se fixa e alegremo-nos quando as encontramos na realidade, ou seja, quando podemos amá-las de novo.”*⁶

A ambivalência promove um reconhecimento dos objetos, mas não permite ainda uma visão objetiva. Faz-se necessário que à desintrincação pulsional sofrida no ego, quando da ambivalência, siga-se uma nova intrincação pulsional, que garanta a inibição e o adiamento da ação até que a realidade externa e a realidade de pensamento se tornem idênticas.

A prova de realidade que o ego faz, possibilitada por esta nova intrincação pulsional, é a busca de uma identidade entre a percepção e a representação. Neste percurso o não-conhecido torna-se conhecido. Freud exemplifica com a denegação o momento intermediário entre a ignorância e o reconhecimento da realidade.

O reconhecimento da realidade, a formulação de um julgamento objetivo e a adaptação do ego ao ambiente pressupõem uma capacidade egóica de incluir dentro de si partes hostis, enquanto é obrigado a renunciar a partes amadas. Esta capacidade de renúncia é efeito da pulsão de morte. (Tomamos aqui a pulsão de morte como força disjuntora, que promove separação e diferença, tal como Freud postula em “A Negação” (1925)). Há uma espécie de auto-destruição do ego, uma desintrincação pulsional, em que a pulsão de morte se libera e faz efeito. Cria-se, desta forma, uma nova possibilidade, um novo rearranjo psíquico. O que leva o ego a fazer isto?

*“Uma destruição parcial do ego é tolerada mas apenas com a finalidade de construir, a partir do restante, um ego capaz de resistência maior (...)”*⁷ Nesta desintrincação pulsional, Eros também se libera e transforma a destruição em nova construção, num contínuo movimento.

É deste processo que surge o pensamento, resultante final do desenvolvimento do ego. Pensar significa não fugir ao desprazer através da

defesa ou da alucinação, pelo caminho da descarga, na busca imediata de diminuição da tensão como consequência do princípio do prazer. Pensar é submeter-se ao princípio de realidade, suportar um percurso onde algum desprazer tem que ser tolerado no evitamento de um desprazer maior. Pensar é poder, dentro do jogo pulsional, estabelecer intrincações e desintrincações entre vida e morte.

2

É dentro do registro do prazer que a transferência se estabelece. Ela é uma formação do Inconsciente tanto quanto o sintoma. A “fuga” para a transferência pode ser equiparada à fuga para a doença, última tentativa para escapar de um prazer que se tornou desprazer. “*O neurótico está em perpétua busca de objetos de identificação, de transferência; isto significa que ele atrai tudo o que pode para sua esfera de interesses, ele “introjeta”*.”⁽⁸⁾

A transferência se dá por este alargamento que o ego experimenta e que se exacerba no neurótico. Contrariamente, o ego do paranóico sofre um estreitamento, introjetando pouco e, conseqüentemente, transferindo pouco.

O analista é comparado por Ferenczi a um catalisador. Ele põe em movimento os conteúdos inconscientes recalçados funcionando, na análise, como um “resto diurno”. O paciente se vale de detalhes da figura do analista para fazer, como no sonho, uma espécie de elaboração deslocando a libido.

A equivalência teórica da transferência à introjeção faz com que o analista, para Ferenczi, esteja no lugar de objeto. É ele, objeto, que vai dar sentido à pulsão e que vai servir como modelo identificatório para o paciente.

Esta questão teórico-técnica proposta por Ferenczi tem conseqüências relevantes. Com o analista no

lugar de objeto cria-se, dentro da situação analítica, um confronto egoico. Se o analista se vê como modelo identificatório, como ideal do ego, a luta narcísica que se trava entre analista e analisando é mortífera. “Ou eu ou você” é o corolário deste tipo de entendimento do lugar do analista.⁽⁹⁾ Surge a resistência à transferência.

Mas a transferência, como sabemos, é também resistência: resistência do ego a que conteúdos inconscientes cheguem à consciência na medida em que são desprazerosos. As forças que atuam na resistência são as mesmas que estão presentes no

Se a transferência é uma atuação, por que Ferenczi não dá a ela o mesmo tratamento que às demais resistências?

recalcamento. Cabe ao analista desfazer a transferência, utilizando-a, no entanto, na medida em que ela dá notícia do recalçado.

O acesso que o analista tem ao paciente é através do ego, do discurso comum, que ganha, na análise, outra dimensão. Não é a consciência do ego que a Psicanálise visa. É a decomposição que o ego sofre com sua multiplicidade de identificações que faz emergir o sujeito do Inconsciente, este sim, objeto da Psicanálise. Mas não é este o entendimento que Ferenczi tem. O ego, em sua concepção, é educável e deve ser adaptado. O analista tem, pela transferência,

uma função pedagógica em relação ao ego do paciente. Esta proposição de Ferenczi, ainda que eivada das melhores intenções, é no mínimo duvidosa.

Em sua concepção, num primeiro momento da análise, a melhora dos sintomas ocorre pelo deslocamento que a libido faz da doença para a transferência. O momento seguinte corresponde à luta que o analista trava para desvincular a libido deste novo objeto, a sua pessoa.

A sua proposta pedagógica fala ainda de um poder do analista. “*Esse desvinculamento se torna possível com a transformação do ego sob a influência da educação pelo médico.*”⁽¹⁰⁾ Ferenczi sabe que este se constitui no ponto mais difícil e delicado da relação analítica, onde o tato do analista é fundamental. (E o tato - que não parecia faltar a Ferenczi - é um elemento-chave da sua clínica).

A “educação” que o analista faz do ego do paciente é uma atitude ativa do analista, que vai fundamentar uma proposição técnica de Ferenczi: a da técnica ativa. Entre 1919 e 1926, Ferenczi escreve uma série de artigos sobre o tema.

O objetivo da técnica ativa é superar os momentos de estagnação do processo analítico fazendo o paciente retomar a livre associação. Para tal, o analista estabelece uma série de proibições a comportamentos do paciente, os quais funcionam como descargas, propiciando uma satisfação pulsional e obstaculizando a análise.

“*Se durante a análise se deixa a tensão se descarregar constantemente pela satisfação, não se poderão realizar as condições que criam a situação psicológica necessária à transferência.*”⁽¹¹⁾

Para que a transferência se dê, é necessário que haja um montante de libido livre. A análise deve se realizar sob uma certa tensão. “*O trabalho de educação, e também o de análise, deve repetir, por assim dizer, o período da latência.*”⁽¹²⁾ O

analista deve atuar, na técnica ativa, como o pai totêmico, interditando determinadas satisfações pulsionais que vão desde os hábitos masturbatórios, inclusive os larvares (como os tiques), às relações sexuais. Isto significa que o analista deve contrariar o princípio do prazer - cujo único objetivo é a busca de satisfação - objetivando desenvolver o princípio de realidade no ego. O paciente abre mão de seus comportamentos pela relação transferencial estabelecida com seu analista.

Sob uma inspiração correta - a de que a análise só se dá mediante uma certa angústia - transparecem alguns pontos polêmicos. Vejamos.

A transferência é, ela própria, busca de satisfação. Atende, também, ao princípio do prazer. Tanto quanto os atos que Ferenczi proíbe na técnica ativa, o que a transferência busca é a evitação do desprazer. A transferência substitui pela repetição atuada a rememoração falada. Sendo ela própria uma atuação, o que a diferenciaria das demais atuações do paciente? Por que as outras resistências não mereceriam o mesmo tratamento técnico que Ferenczi dá à transferência?

Talvez uma possível resposta para esta técnica proposta por Ferenczi esteja em seus exemplos clínicos. Ao lado de pacientes histéricos e obsessivos, alinham-se psicopatas e psicóticos. Sabemos das imensas dificuldades técnicas que a transferência destes últimos apresenta. O próprio Ferenczi fala do estreitamento do ego nestes casos. Sabemos ainda que a atuação tem em psicóticos e psicopatas predomínio absoluto.

A técnica analítica proposta por Freud não consegue abarcar este universo, que continua se constituindo no grande desafio terapêutico para a Psicanálise. Ferenczi, fiel à sua concepção do ego como educável e da transferência como introjeção, imagina ser possível refazer a "courage narcísica" destes pacientes. Dito de outro modo, ele acredita ser possível

ao analista corrigir as insuficiências egóicas do paciente. Falta a Ferenczi uma adequada fundamentação da questão narcísica, posto que é o narcisismo o ponto-chave para o entendimento destes casos. É a partir daí que se esboroa a concepção do ego como educável.

A crítica à técnica ativa é feita pelo próprio Ferenczi em 1926. Nas "Contra-indicações da técnica ativa", ele reconhece que :

"a atividade, na medida em que se propõe a aumentar a tensão psíquica - com recusas, injunções e proibições desagradáveis - para obter um material novo, vai inevitavelmente aumentar a resistência do paciente, isto é, incitar o ego do doente a se opor ao analista."⁽¹³⁾

A resistência está a serviço do princípio do prazer, domínio da pulsão de morte. É esta dimensão que ela tem - não corrigível por nenhuma pedagogia - que a torna um desafio para a técnica. Ferenczi reconhece que a estagnação da análise faz parte dela, e que se transforma e se resolve sem a intervenção da atividade do analista. É pela repetição que, em algum momento, a pulsão de morte vai intrinchar-se com Eros, estabelecendo uma ligação e fazendo pela intrincação pulsional a sua inscrição psíquica.

O analista é, sem dúvida alguma, o catalisador deste processo. Mas a sua atividade pode - e tão somente deve - residir na sua capacidade interpretativa. Mais que tudo ele deve saber que não ocupa o lugar de objeto, que não é modelo para seu paciente, que a análise transcende à sua pessoa.

De há muito que o objetivo inicial da Psicanálise de tornar consciente o Inconsciente foi abandonado. Este objetivo talvez fosse a megalomania infantil do narcisismo da Psicanálise. O "desenvolvimento" da Psicanálise, sua maturidade, como a do ego, consiste na possibilidade de suportar algum desprazer: o de poder reconhecer que há algo que sempre

escapa, permanecendo inalisável e admitindo as "forças da natureza" das pulsões.

A transferência, pelo seu jogo dialético - por um lado, acesso ao recalçado e, por outro, resistência - se constitui um exemplo das dificuldades deste processo. Enquanto atuada, a transferência é puro princípio do prazer. Desfazê-la é poder pensá-la, inseri-la numa ordem significativa, colocá-la a serviço da realidade. Mas convém lembrar que algo sempre escapa, que nem tudo é simbolizável, que há um jogo pulsional permanente na vida.

Ferenczi diz que a análise pode ter um fim. Preferimos, com Freud, sabê-la interminável.

NOTAS

- (1) Ferenczi, S. "Le concept d'introjection" (1912). In: *Psychanalyse I, Oeuvres Complètes*. vol. I. Paris, Payot, 1968, p. 196.
- (2) Ferenczi, S. "Transferência e introjeção" (1901). In: *Escritos Psicanalíticos*, Rio de Janeiro, Taurus, 1988, p. 37.
- (3) A proposição de um estado monista inicial do ego só se esboça em Freud em 1915, em "Pulsões e destinos da pulsão", sendo retomada e ampliada em 1925 em "A Negação".
- (4) Ferenczi, S. "O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estádios" (1913). In: *Escritos psicanalíticos*, op. cit., p. 76.
- (5) Ferenczi, S. "O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estádios" (1923). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 82.
- (6) Ferenczi, S. "O problema da afirmação do desprazer" (1926). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 285.
- (7) Ferenczi, S. "O problema da afirmação do desprazer" (1926). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 290.
- (8) Ferenczi, S. "Prolongamentos da "técnica ativa" em Psicanálise" (1921). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 183.
- (9) A este respeito vide Lacan, J. "La agresividad en psicoanálisis". In: *Escritos*, México, Siglo veintiuno editores, 1985.
- (10) Ferenczi, S. "Prolongamentos da "técnica ativa" em Psicanálise" (1921). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 183.
- (11) Ferenczi, S. "Psicanálise dos hábitos sexuais" (1925). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 249.
- (12) Ferenczi, S. *Ibid.* p. 249.
- (13) Ferenczi, S. "Contra-indicações da técnica ativa" (1926). In: *Escritos Psicanalíticos*, op. cit., p. 272.